Em torno do passe da EPFCL

Selecionamos para apresentar na sessão *Entrevistas* deste número de *Stylus* a mesa de debates ocorrida em 13 de novembro de 2005 no Rio de Janeiro, por ocasião do Encontro Latino Americano da IF-EPFCL–Brasil. Essa mesa, intitulada "Em torno do passe da EPFCL", foi coordenada por Colette Soler e contou com a participação do cartel do passe da EPFCL, representado por Ana Canedo, Dominique Fingermann, Jean-Jacques Gorog, Juan Guillermo Uribe, Sol Aparício e Patrícia Muñoz (AE), que apresentou seu texto *Historizar-se de si mesmo.*

Colette Soler: Vamos começar esta mesa com uma pequena intervenção de Patrícia Muñoz, que é AE da Escola, e dos membros do cartel do passe que se reuniram ontem. Suponho que vocês tenham percebido a importância deste momento. É a primeira vez que um cartel do passe em nossa Escola se reúne deste lado do Atlântico. Tivemos cartéis que funcionaram na Europa. Creio, então, tratar-se de um momento que podemos saudar com certa satisfação. Passarei a palavra incialmente, como está escrito no programa, a Patrícia Munõz, que vive em Medellin, na Colômbia.

Patricia Munõz: Bom dia, este é um pequeno trabalho que chamei *Historizar-se de si mesmo.* Parto da seguinte pergunta: o que permite ao analisante ocupar o lugar de analista? Na prática, o que de fato ocorre é que a maioria dos analisantes se instala como analista antes de haver terminado a análise. Se o final de análise é a passagem de analisante a analista e o desejo do analista é efeito desse final, como nos diz Lacan na *Proposição,* com que esses analisantes operam quando se instalam prematuramente nesse lugar? A pergunta, então, seria esta: eles podem ocupar esse lugar? De que se autorizam e com que operam?

No inicio da *Proposição* sobre o passe, em 1967, Lacan recorda um princípio: "o psicanalista só se autoriza de si mesmo", princípio, diz ele, que está nos textos fundadores da Escola. Em *Nota aos Italianos,* de 1973, ele também fala desse princípio e convoca os italianos a se submeterem à prova do passe, e considerarem o risco de que não haja analista.

O fato de alguém ter se instalado como psicanalista não implica, automaticamente, que o seja. No *Seminário – livro 21: Os incautos não erram,* Lacan diz "autorizar-se somente por si mesmo". A partir disso, ele não pode senão autorizar-se também

por outros, ou seja, fazer com que esse objeto *a* chegue a ser o "*a*", esse lugar que ninguém é, como indica o nome *persona* – em francês, a palavra *persona* tem dupla acepção: personagem e ninguém. Persona/pessoa indica um lugar de falsa aparência. Trata-se de ocupar o papel de analista, como disse Lacan, ou seja, ele antecipou algo que é questionado com a pergunta: posso sê-lo? "Autorizar-se, isso pode ocorrer, porém sê-lo é outro assunto. Assim se forja o que anunciei do verbo *des-ser. O analista, eu o des-sou*, o *objeto a* não tem ser". Em Lacan, portanto, está claro que não se pode "ser" analista; uma pessoa pode apenas se autorizar a ocupar esse lugar. Assim, acrescenta-se "de alguns outros" à fórmula inicial "autorizar-se de si mesmo". Eis o dispositivo do passe para quem quer ser analista; trata-se de uma escolha.

No prefácio à edição inglesa do *Seminário – livro 11*, de 1976, Lacan diz: "Então, há analista que conta no tratamento, ele não contaria, imagino, socialmente, se não tivesse havido Freud para esvaziar a via". E adiante: "para nomear alguém analista, ninguém pode fazê-lo. Daí a minha proposição que o analista não se *histoeria* (*hystoire*) senão a si mesmo. Esse fato é patente, mesmo se ele se faz confirmar por uma hierarquia"[1].

[1] Lacan. Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11* (1977/2003, p. 567-8).

Vemos que Lacan utiliza nessa passagem a palavra *hystorização*, na qual une, em uma mesma palavra, historização e histerização. Trata-se da histerização que se produz para todo analisante na entrada no discurso analítico, sem importar a estrutura que tenha, e que leva o sujeito ao trabalho do inconsciente. Historizar é encontrar a lógica, as premissas, as proposições, os dados da história que permitem chegar a conclusões, os significantes que representaram o sujeito para o Outro.

Em meu caso, estava claro que "não podia não haver terminado a análise para ocupar o lugar de analista". É algo que sabia sem sabê-lo, e que *a posteriori* pôde ser nomeado como um incômodo e a impossibilidade de ocupar esse lugar. Autorizar-se de uma estratégia em face da lógica, "passar despercebida", algo que se traduzia em não intervir muito, não falar muito. Essa posição pode funcionar por um tempo, mas o incômodo decorrente dessa impostura empurra a análise até o seu final. A posição de "passar despercebida" é oposta, antagônica, ao dizer e ao ato do analista. Por isso, era necessário levar a análise até o seu final, até o surgimento do desejo do analista.

Quando já não se espera o signo do reconhecimento do Outro, e tendo se desembaraçado do sentimento de impostura, pode-se advir a um lugar que era ocupado sem que se estivesse realmente lá. Em espanhol e em português, o verbo francês *être* se divide em "ser" e em "estar". "Estar" quer dizer ocupar um es-

paço. Faz-se uma escolha, autoriza-se a ocupar o lugar de objeto *a* para outros no discurso analítico. É o final de um percurso em que se alcança um ponto de real, que no passe se faz ato.

Pois bem, no final desse prefácio à edição inglesa do *Seminário – livro 11*, Lacan se indaga por que não submeter a profissão de psicanalista à prova dessa verdade consoante à função chamada inconsciente. O "espelhismo" da verdade de que somente se espera a mentira não tem outro término que a satisfação que marca o final da análise, e que se apresenta como um: é suficiente, não há nada mais, nada que pedir, nada que esperar. Satisfação, então. O objeto é causa da divisão, mas não da posição. Obrigada.

COLETTE SOLER: Agradeço a Patrícia e passo a palavra a Ana Canedo.

ANA CANEDO: "O passe e a Escola dos Fóruns". Uma vez mais, analistas da Escola de ambos os lados do Atlântico, da América Latina e da Europa, reúnem-se para trabalhar no cartel do passe. Hoje, o cartel se reúne pela primeira vez na América Latina, no Brasil, para acolher os testemunhos que tiveram lugar, *in situ*, em suas próprias línguas, português e espanhol. Desse modo, torna-se possível o desejo de nossa Escola de sustentar o cartel do passe sob a condição de ser "plurinacional", escrita em *Princípios diretivos para uma Escola.*

Apreciamos e cuidamos especialmente dessa condição plurinacional por ser uma distinção, um traço próprio designado por nossa Escola. Essa é uma modalidade que temos usado para dar um marco apropriado à aposta de "uma nova experiência de Escola" que seja "digna de seu nome". Propiciar a elaboração em cada lugar; intenção visada por um objetivo em comum, no retorno à Escola desejada por Lacan e renovada no signo de nosso tempo. Segundo a ética da psicanálise, cultivar o discurso analítico, cujos efeitos inéditos se produzem no interior do ato analítico, que é sempre da ordem do singular. Na variedade que a clínica traz, são postas à prova as teses da psicanálise, e seu alcance se afina, se matiza.

Mas segundo nossa experiência, e como advertiu Lacan, esse objetivo pode ser anulado pela pretensão de introduzir nos arquivos do conhecimento os pressupostos marcados por *standards*. Os *standards* adormecem. Desse modo, trabalhar entre colegas de diferentes lugares põe à prova a experiência, a experiência concreta, as teses da psicanálise.

Há uma questão que me parece muito importante e que tem a ver com a articulação entre o trabalho interno realizado

pelo cartel do passe e a relação com a Escola, tanto com a Escola internacional quanto com os diferentes lugares em que trabalhamos. Recordo que, embora o dispositivo do passe seja oferecido àqueles que participam da tarefa, seus efeitos ultrapassam a intimidade do dispositivo, pois está em jogo a articulação entre o passe e a Escola.

Trago uma citação de Lacan do *Anuário* de 1977 que pode nos orientar a esse respeito. Ele diz que a finalidade do passe é "promover no seio da Escola as condições para assegurar o progresso da análise didática, essencial à teoria da psicanálise". Creio tratar-se de um projeto amplo e fecundo, pois diz que o dispositivo do passe é o modo pelo qual se pode estabelecer na Escola "uma comunidade de analistas". Em que essa idéia se traduziria? Na constatação de cada um estar disposto, na medida de suas possibilidades, a pôr à prova, a "argumentar as teses que orientam o trabalho".

Parece haver aí um enlace entre o passe e a formação na Escola, uma vez que o testemunho do passante trata de poder transmitir o efeito didático do tratamento e de seu fim, o que dele o sujeito pôde apreender, assim como as conseqüências em sua vida cotidiana e em sua prática como analista.

Em nosso trabalho, pude apreciar o resultado valioso dessa experiência que conecta a relação de cada um com a Escola internacional e que se desdobra, de diferentes formas, no trabalho de cada um no lugar a que pertence, lá onde cada um elabora o saber dia após dia. O passe, invenção de Lacan decorrente da formalização e da conceituação de sua experiência, leva-nos a repensar o que é a formação do analista, a transmissão da psicanálise e a construção da comunidade analítica. Nada mais, nem menos. Obrigada.

DOMINIQUE FINGERMANN: Por mais incrível que pareça, há algo de uma leveza excepcional no passe, no que passa no dispositivo. O Cartel aqui reunido não está sob o efeito de um deslumbramento: nem beatitude, nem suficiência. Não estamos tomados por um afeto, mas surpreendidos por um efeito. O que passa no dispositivo é um efeito pulsional que induz um laço social inimaginável, é algo tão sutil quanto a produção de um efeito de satisfação por um chiste (*Lustnebengewinn*). É algo sutil porém inesquecível, *inoubliable*, ao avesso do "qu'on dise reste oublié derrière ce qui se dit dans ce qui s'entend". É o efeito de leveza de um dizer inesquecível atrás dos ditos, um dizer que escapa, que ultrapassa o testemunho. "C'est inouï", diz-se em francês para se referir a algo que ultrapassa o entendimento e o esperado.

É incrível porque o que aparece, à primeira vista, é o peso, o peso do dispositivo, do aparelho, de um edifício extre-

mamente complexo e complicado que necessita de uma enorme máquina para funcionar. "Comunidade analítica" poderia ser o nome dessa máquina complicada: analistas, vários e diversos, estatutos, votações, várias línguas, traduções, comissões propondo AMEs, colegiado nomeando AMEs, análises e analisantes aos quatro cantos, AMEs designando passadores, secretariado. Uma máquina que é gigantesca até chegar em um ponto. Esse ponto precipita uma decisão em demanda até um sorteio que produzirá efeito de deslocamento.

A partir desse instante de sorte, não é mais a máquina que se põe em marcha; são os atores do jogo. O passante é quem primeiro se desloca, depois os passadores e, enfim, as cinco pessoas sorteadas no CIG para constituir um cartel do passe. Todos se deslocam de suas acomodações, de seus países, de suas línguas, de suas idéias feitas. Não há encontro marcado com as idéias feitas, com o esperado (*l'attendu*); desde o início, o acaso inaugura "une traversée du champ de l'attendu", uma travessia do campo do esperado. O passe ultrapassa as esperanças. O acaso, o deslocamento, o inesperado, a ultrapassagem e o escapamento são os ingredientes dessa leveza que o dispositivo recolhe – colhe.

Algo "no que se ouve" é *inouï*, inaudito, ultrapassa o entendimento, mas tem um efeito inesquecível de transmissão da incrível experiência que é a psicanálise, de uma experiência que produz efeito de provação e de prova, qualquer que seja a conclusão do trabalho do cartel e de uma eventual nomeação.

O inesperado vem, em primeiro lugar, dos passadores: passageiros, intermitentes, evanescentes, voláteis, leves por excelência. Embora Lacan tivesse avisado, foi inesperado descobrir que são os passadores que constituem o passe; eles são constituintes da experiência (*Probe/Erfahrung/Erlebnis*) do passe: "o passador é o passe", é ele quem constitui o passe. Ao receber o testemunho, ele constitui o passante como tal, ou seja, ao transmitir para o cartel, ele constitui o cartel do passe como tal. O cartel se prova não como instituído pela instituição, mas constituído pelo testemunho que passa de passante a passador. Essa afirmação parece singela demais, mas foi assim que aconteceu: o cartel se constituiu quando o primeiro passador entrou e falou. O cartel não é da ordem da instituição. É designado pela sorte, é constituído pelo que escapa dos testemunhos para atravessar este instante: o instante do passe.

No instante do passe, o que passou? Nomeio isso leveza porque o que passou não tem o peso do afeto, mas é um efeito apreensível: as questões, construções, deduções, repentina-

mente – tempo e termo de uma lógica coletiva – se resolvem, se simplificam no momento da decisão que cai. É um efeito de transmissão (*Übersetzung / Übertragung*). E isso em todos os tempos da experiência: entre o passante e cada passador, entre cada passador e o cartel um a um, produz-se algo até então inaudito. Acontece um transporte da psicanálise além do que se imaginava, se concebia, se esperava. O que se colhe no ocorrido não confirma o já sabido da experiência da análise, mas antes produz a psicanálise em ato. Por isso, podemos entender como o passe constitui verdadeiramente "le seul abri possible pour éviter l'extinction de l'expérience", frase usada por Lacan na *Proposição* para indicar o cuidado de Freud ao criar a International Psychoanalytical Association (IPA).

O que passa do passante aos passadores até o cartel é a certeza da operação analítica em sua dimensão de ato inaugural de uma relação outra do sujeito com o que escapa ao seu entendimento. O efeito dessa operação é notável quando se deixam apreender suas conseqüências, como diz Lacan na *Nota aos italianos*: "Il n'y a de ce fait aucun progrès qui ne soit notable faute d'en savoir la suite". O passe é o efeito notável de uma operação que "faz saber as conseqüências" do ato que o produziu, conseqüências nomeadas aqui "desejo do analista". Poder acolher esse efeito permitiu experimentar a leveza da comunidade analítica quando ela faz Escola, ou seja, quando recolhe o inesperado e o incomum de uma tradição: *Überlieferung*, "entrega além", do esperado e do lugar comum, passar para frente a psicanálise que se transmite, a condição de uma série de deslocamentos.

Jean-Jacques Gorog: Algumas palavras sobre este cartel do passe. Diria, de surpresa, que se pode fazer e se faz quase como uma luz, em que se verificam coisas que vimos nos livros. Verifica-se, por exemplo, a função da pressa. Pude depreender do dispositivo e dos cartéis, e isso é notável, que a cada vez uma decisão foi tomada, digamos, com o acordo de todos os participantes. Refiro-me aqui ao acordo entre os participantes. Não se trata de que os passadores tenham ido para nomear, porém se sente bem que, quando eles opinam, a nomeação é um resultado. A nomeação cai como efeito da pressa; a cada vez, a surpresa é que não tínhamos ouvido o que esperávamos. Havia surpresa de todos os lados, quer dizer, não apenas de um discurso coerente. Daí surgem coisas inesperadas... Então, há algo que leva à precipitação da decisão, tal como a história dos prisioneiros de Lacan, pois fomos, de certo modo, prisioneiros do tempo lógico.

Nós, todavia, temos de decidir em um dado momento. Isso marca a saída e foi muito claro cada vez que algo caiu. Ora, isso é uma surpresa porque esse dispositivo foi construído para resolver um problema da dialética do tempo – Lacan o produziu há quarenta anos – em um mundo parisiense muito diferente deste aqui. O caráter plurinacional evocado também tem um efeito importante. Há pessoas que não se conhecem e que não estavam presentes quando a experiência se iniciou. Mesmo a *Nota aos italianos* se refere a pessoas muito próximas de nós, parisienses. É como foi dito: o peso do dispositivo tem um efeito ao avesso.

Mas por que pressa? Pelo fato de não estarmos comprometidos com as pessoas. Há, então, um efeito que se revela mais puro, na mais pura concepção do circuito do passe iniciado por Lacan. Termino com este efeito sublinhado por ele e que se chama *dritten Person*, isto é, o efeito de palavra do *Witz*. Trata-se de um efeito do chiste, do fato de que, no momento em que algo cai, o sujeito ri. Esse me parece um efeito muito importante no dispositivo. Muito obrigado.

JUAN GUILLERMO URIBE: Bem, como podemos ver no auditório, nossas intervenções sobre o cartel vão se articulando, poderia dizer, de forma rigorosamente lógica. Poderia confirmar ou não o que disseram os colegas da mesa. Posso confirmá-lo, porém quero destacar algo muito pessoal. Participei pela primeira vez de um cartel em Paris, em outubro, e agora, aqui no Rio. Tenho de destacar exatamente os aspectos que já escutamos. Em primeiro lugar, a surpresa de confirmar as razões que levaram Lacan a criar esse dispositivo. Trata-se, nesse sentido, de um encontro que pode também levar a desencontros. O trabalho de transmissão supõe um esforço adicional de todos os lados, tanto dos passadores quanto dos membros do cartel, que devem tratar de capturar isso que se passa ou não se passa em diferentes línguas. Então, está em jogo a fineza da palavra, os sentidos de uma língua a outra, que, por mais próximas que estejam, mantêm diferenças.

Gostaria, então, de destacar a vivência pessoal de surpresa, sem dúvida acompanhada inicialmente de angústia, por saber que não tinha qualquer experiência sobre os textos lidos mil vezes antes de viver a experiência. Há transmissão e, nesse ponto, penso que nela é efetivamente passado um efeito de juízo sobre o transmitido, uma conclusão.

Em seguida, ocorre algo que me parece importante e que pode ser encontrado na *Proposição*. Lerei umas poucas linhas da

Proposição, na qual Lacan nos convoca a realizar um trabalho de doutrina que é passar a fazer uma comunidade analítica como hoje. Sugiro apenas um esquema, linhas muito finas, mas que nos anunciam linhas de trabalho. Quero destacar, na lógica desse dispositivo, alguns textos que podem nos orientar. Por exemplo, o texto sobre os três tempos lógicos. É evidente que se podem confirmar aqui os momentos de ver, de compreender e de concluir. Todo o cartel está tomado por isso. Do mesmo modo, a vacilação dos prisioneiros, pois tanto os passadores quanto os membros do cartel tentam passar algo. O cartel também está procurando fazer um juízo sobre isso, no tempo, com a pressa do tempo e, mais ainda, com a fadiga das línguas. Parece-me que há uma outra referência que nos serve para ver a construção teórica que o cartel do passe é: o seminário sobre a carta roubada, ou seja, esse passo da carta, os significantes que ela passa, e que a uns deixa sem ver, enquanto outros os vêem. Essa vacilação que passa na carta roubada é muito importante, ao menos para mim, como uma referência para pensar, isto é, como pensar o cartel do passe sob a lógica do significante que circula e das posições de ver, não ver, não sabe, o outro sabe e eu não sei.

Sigo pensando também em outro ponto que foi tratado por colegas nossos em outros momentos, na França e na América Latina: *o grafo do desejo.* O grafo do desejo também nos pode orientar sobre o que é a experiência do passe. Temos larga experiência com o ato clínico, porém é necessário realizar um trabalho sobre ele e, preservando a privacidade e a intimidade do que foi transmitido, ir mais além, para transmitir os efeitos decorrentes da experiência. Para concluir, duas linhas sobre a *Proposição.* Para mim, trata-se de uma espécie de chamado de Lacan, pois é inútil tentar indicar o que é essa "proposição" que implica uma acumulação de experiências. Deve-se antes visar a uma elaboração, a uma organização em série de sua variedade e a uma notação de seus graus. O jurado não pode abster-se de um trabalho de doutrina. E nesse ponto, creio, que fazemos um trabalho de doutrina. Estamos, porém, tão perto da experiência de ontem que tampouco dispomos de um aparato teórico além das indicações a que acabei de me referir. Muito obrigado.

Sol. Aparício: Com Juan Guillermo, encontramo-nos no instante de ver... Estou muito contente de estar aqui hoje. É a primeira vez que venho ao Brasil, e estou contente de que seja a ocasião de participar do primeiro cartel do passe na América Latina, ou melhor, do primeiro cartel do passe na América Latina da

nossa jovem, muito jovem, Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. O trabalho de doutrina, destacado por Juan Guillermo, parece-me fundamental. Como disse, trata-se do instante de ver. Digo-o assim porque me parece que o trabalho de doutrina necessita de tempo para ser realizado. No momento, é prematuro referirmo-nos à experiência do cartel que acaba de ocorrer. Mas está prevista para o mês de dezembro de 2005, em Toulouse, uma primeira reunião, um primeiro balanço sobre os três anos de experiência do passe na Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano. Penso que, lá, trataremos, efetivamente, de começar esse trabalho de doutrina.

A regra do jogo nesta mesa-redonda, se é possível dizê-lo dessa forma, era que cada um de nós, após haver escutado Patrícia Muñoz, interviesse muito rapidamente, destacando um ponto da experiência. Escolhi como epígrafe do ponto que destacarei esta frase do poeta Max Jacob, citada por Lacan mais de uma vez em seu *Escritos*: "le vrai est toujours neuf", ou seja, "o verdadeiro é sempre novo". Ela me servirá de guia.

Freud inventou, em Viena, no princípio do século XX, o dispositivo analítico. Muitos psicanalistas, em diversas partes do mundo, vêm utilizando esse dispositivo há mais de um século. Mais recentemente, Lacan nos legou outra invenção, outro dispositivo, coerente com a invenção freudiana. O dispositivo do passe, diria, é um estranho artefato, a um só tempo sólido e frágil, composto de várias peças diferentes, vários tipos de peças ou elementos: duas peças essenciais chamadas passadores, uma central, que é o passante, e o júri, que, na nossa Escola, está constituído por cinco membros do cartel. Temos, então, oito peças com natureza e função diferentes, procedentes de muitas outras cidades, reunidas no Rio de Janeiro. E nos podem perguntar, aliás, outros colegas já o fizeram implicitamente, se vale a pena que alguns colegas atravessem a cordilheira dos Andes, boa parte da selva amazônica, e outros o oceano Atlântico, para armar esse dispositivo que só funcionará dois ou três dias. Sim, vale a pena, e tratarei de lhes dizer por quê. Como disponho de pouco tempo, serei um pouco categórica.

Há algo de inteiramente extraordinário na experiência do passe. O passe é único, autêntico lugar de transmissão da experiência analítica. Por intermédio do testemunho dos passadores, a experiência do sujeito se desvela, descobre-se o que foi a análise para ele e sua posição aparece com singular nitidez. O dispositivo torna possível a transmissão do que está em jogo nesse laço social particular que é o discurso analítico, bem como o que se opera nele e o que ocorre com o analisante. No

dispositivo do passe, a verdade do sujeito, esta verdade íntima que, aos poucos, vai sendo dita em meias-palavras, é elaborada em termos de um saber transmissível pela palavra: do passante aos passadores, dos passadores aos membros do passe. O testemunho do passante tem inestimável valor *per se*, qualquer que seja a resposta do cartel.

Tomarei uma posição um pouco diferente de Jean-Jacques Gorog, pois me parece que, na perspectiva que estou tentando destacar, a nomeação – falo em nome próprio – parece-me secundária. Graças ao testemunho do passante e à transmissão que fazem dele os passadores, em torno de cada uma dessas experiências analíticas singulares se estabelecem laços de trabalho inéditos entre os cinco membros do cartel, entre os membros do cartel e os passadores, e entre os passadores e o passante. Trata-se de uma rede de laços que pode ser estendida aos analistas que designaram os passadores e que, dessa maneira, também participam da experiência, fazem parte do passe. No passe, o discurso analítico – cito Lacan em *Televisão* –, que é um laço social determinado pela prática de uma análise, amplia-se. Esse laço que, por definição, compreende apenas o analisante e seu analista, abre-se, multiplica-se em uma rede de laços que merecem ser qualificados como analíticos, e que são aquilo que estrutura e constitui uma escola de psicanálise. Assim, pode chegar-se à conclusão de que sem o passe, no sentido estrito, não há Escola. Dito de outro modo, a Escola encontra sua razão de ser no passe. Encontra graças a esse dispositivo que se arma e se desarma, que a cada vez se monta e se desmonta com peças distintas, com recortes diferentes, podemos dizer, de acordo com as necessidades de cada caso. Isso é tudo.

Colette Soler: Podemos agora dedicar algum tempo à discussão. Posso dizer que todos estão contentes. Tanto aqueles que participaram quanto aqueles que estão aqui, inclusive eu. Também estou contente porque concluímos, uma vez mais, o que pressupúnhamos. Comprovamos que participar efetivamente do dispositivo dissolve os ceticismos a respeito do passe. Esse é um fato que reduz as dúvidas, as reticências a respeito desse dispositivo. É um fato, portanto, que devemos levar em conta nesse momento de ver. Passaremos a palavra para outros discutirem e questionarem. Antes de começar o debate, porém, Jean-Jacques Gorog quer dizer algo sobre a nomeação.

Jean-Jacques Gorog: Esse não me parece um verdadeiro debate. Temos de distinguir entre a importância de ser nomeado, ou

não, e o que se pode considerar sobre o tempo da nomeação como aquilo que cai e que é importante destacar como o ponto que comprova o fim de um tempo lógico.

Sol Aparício: É importante destacar a dialética do tempo de funcionamento do cartel.

Colette Soler: Estou de acordo com os dois. São posições que se contradizem apenas aparentemente. Há uma necessidade de nomeação, mas é importante saber que houve uma escolha e que houve uma discussão no mundo analítico sobre um passe sem nomeação. Do mesmo modo, é importante dizer que a nomeação não é a única finalidade e que todos os que participam do dispositivo contribuem para o problema e para a elaboração do passe. É por isso que, no Colégio Internacional da Opção Epistêmica, nos dois primeiros números de *Wunsch*, testemunharam passantes que não foram nomeados. Isso ocorreu precisamente para mostrar que alguém que se apresentou ao passe e não foi nomeado pôde contribuir para a elaboração sobre o assunto.

Participante: Gostaria de saber como, na experiência do passe, é possível manter a privacidade mencionada por Juan Guillermo e, ao mesmo tempo, transmitir essa experiência única, sem se restringir ao plano teórico, ou seja, como se pode, a um só tempo, transmitir algo de específico do caso e resguardar a privacidade do passante?

Participante: Não sendo obrigatória a experiência do passe, gostaria de perguntar a Patrícia o que a levou a pedir o passe?

Antonio Quinet: Gostaria de pedir a vocês para falar um pouco mais sobre o que viram, o que escutaram. Não apenas sobre o funcionamento, pois percebi que se deu demasiada ênfase ao funcionamento. Gostaria, portanto, de aproveitar a oportunidade – esse instante de ver em que vocês estão agora – para indagar o que apareceu da experiência propriamente analítica. Patrícia, você pôs o "historizar-se" no lugar do autorizar-se. Queria saber se foi o passe, e não a análise propriamente dita, que permitiu a você "historizar-se", ou seja, se o passe foi necessário para dar esse passo a mais do "historizar-se", que a análise, isoladamente, não teria permitido.

Sol Aparício: Gostaria de dizer algo sobretudo em relação à primeira pergunta. Tive oportunidade de participar em dois

cartéis do passe. Um em Paris e este no Brasil. A confiança no dispositivo foi uma das coisas mais surpreendentes, assombrosas e importantes. A confiança do analisante no analista, que algo único nessa situação íntima que é o dispositivo de análise. Trata-se de uma condição indispensável para a análise. Algo dessa confiança, no caso de alguém que decide fazer o passe, é igual à confiança que o passante deposita nos passadores e, indiretamente, no passe. No âmbito institucional, caso se considere a Escola uma instituição, é evidente que o dispositivo do passe só pode funcionar, se cada um de seus membros se submete a uma discrição absoluta. E apenas os passantes, um a um, podem falar publicamente do que queiram. Essa era uma das dificuldades que senti em relação a esse encontro sobre o cartel, quando pensava em tomar a palavra, endereçando-a ao público. É muito cedo para tirar conclusões e apresentá-las como algo informativo. Estamos sujeitos a uma discrição única. Não podemos falar sobre o passe. Consideramos que é uma aposta e que podemos contar com a absoluta discrição de cada um de seus participantes. Logo, acho sua pergunta legítima e pertinente. Também gostaria de dizer algo sobre a pergunta de Antonio, que nos pede um pouco mais, ao sublinhar a importância do instante de ver, uma vez que faz aparecer o que vemos e que nada tem a ver com o olhar. Não se trata de um ver ligado ao olhar, mas sim ao que aparece. Poder-se-ia dizer que é um ver relacionado ao que outros chamam de "insight", ligado a algo supostamente já sabido e que, de repente, lhe aparece. É característico da experiência. Essa experiência faz aparecer coisas que, na realidade, "não sabíamos bem", "não sabíamos que o sabíamos".

Tento resumir o que posso dizer sobre a experiência do passe. Vi, e enfatizo, que esse é o único autêntico lugar de transmissão da experiência analítica. Isso é que é o extraordinário da experiência. Nesse momento, entendi, depois de tantos anos no meio psicanalítico, o sentido dessa invenção de Lacan. Entendi por que Lacan inventou o dispositivo. Certamente, é a genialidade desse dispositivo inventado por Lacan que é o autêntico lugar de transmissão da experiência analítica. Assim, segundo esse ponto de vista, a questão da nomeação se torna secundária, ainda que importante. Talvez Colette Soler lembre que, na Escola, houve um momento em que se pensou fazer funcionar o passe sem nomeação, o que me parece absurdo!

Patrícia Muñoz: Direi algo sobre a minha decisão de fazer o passe, ou seja, minha escolha. Um final de análise produz mudanças na posição subjetiva, em sua relação com a vida, em sua posição

como analista. Mudam as possibilidades de ocupar esse lugar, muda completamente o que se coloca nesse lugar, mudam as supervisões. Para mim, isso não era suficiente. Havia três pontos importantes. Eu queria construir uma lógica para encerrar esse percurso. Um segundo ponto importante era minha posição como analista, pois queria poder ver o que mudara. Por último, algo muito importante para mim, minha relação com a Escola, já que levei muitos anos estudando o ensino de Lacan. Em relação à questão de Antonio Quinet, historizar-se é a palavra que, referida a Lacan, joga com o sentido da histeria. A posição de histerização, que é a própria posição da análise, da experiência de análise, é onde existe a construção, onde existe a lógica.

Jean-Jacques Gorog: Também gostaria de dizer algo em relação à citação. Aqui, insistiu-se na questão de que as pessoas não se conheciam, mas quando as pessoas se conhecem e se relacionam com o passante e o escutam no passe, a surpresa é maior. O que ocorre é muito diferente do que se imaginava. A diferença entre o discurso de alguém e como a pessoa é em sua vida aparece mais do que ela é como analista ou em supervisão. Por isso, estou de acordo com a afirmação de que é no passe que se verifica a "coisa analítica". Em seguida, há as verificações do que cada um imagina, ou seja, sobre os pontos acerca dos quais não se entende. Assim, os pontos mais importantes são aqueles que devem ser verificados, porque não se sabe. É preciso dedicar algum tempo para verificar o circuito, encontrar os furos, os hiatos no circuito produzido e entender as diferenças entre um passador e outro. Por isso, a concretização de um fim é extraordinária. Também o é quando aparecem as diferenças entre os passadores, ou seja, o que o passante disse a um e a outro passador. É muito claro quando o passante fala de coisas preparadas e diz: "Se você quiser que eu diga algo mais, posso dizer isso". Inicialmente, as primeiras sessões com os passadores parecem ser as mesmas, mas no discurso com cada passador há divergências. O discurso se dá com pequenas diferenças, ou seja, esse é um efeito que se pode notar porque o discurso é feito de palavras. Por que insisto neste ponto? Porque é muito importante notar as diferenças entre o que foi dito aos diferentes passadores. Isso é importante, por exemplo, para responder ao passe por escrito. Verifica-se, aqui, que o passe é um fato da palavra. Por fim, é essencial considerar o tempo das sessões com os passadores, pois isso tem relação com o tempo lógico.

Ana Canedo: A posição que se toma tem a ver com a ética. É um ato relacionado com a posição do analista e com o que se trata

de transmitir, inclusive com a privacidade. Por isso, retomei alguns pontos teóricos.

Dominique Fingermann: No que diz respeito à privacidade, todo o dispositivo trata de como falar do singular e, depois, de como isso pode ter efeitos. Essa é nossa questão. Queremos agradecer a esta mesa por nos ter dado a oportunidade de falar antes da experiência e do funcionamento, que são extremamente importantes, sem que isso pareça "chapado" em palavras de ordem. Dizendo um pouco mais, achei que Patrícia fez um esforço muito preciso e falou, de maneira muito sutil, do singular de sua experiência. Em relação à nossa experiência, poderia dizer algo mais sobre esse tempo de decisão do passante, que é um tempo de certeza. Na experiência, dá-se algo mais: o passante produz algo que ele não sabia de sua própria experiência de análise. Os passadores, por sua vez, também transmitem algo que eles não sabiam da psicanálise, assim como o cartel se transforma por algo que não sabia da análise. Isso produziu um efeito de transmissão na prática analítica de cada um de nós. Trata-se de um traço: algo que não se sabia foi produzido em todos os níveis do dispositivo.

Em relação à nomeação, abordada por Jean-Jacques Gorog, ela cai; a nomeação não é uma obsessão, uma negociação. De repente, ela cai. Isso tem a ver com o que Sol Aparício dizia. A nomeação tem sua importância quando não se fica obcecado por ela.

Sol Aparício: Sendo esta primeira vez que participo da experiência, pude observar que, em decorrência de um trabalho intenso em que surgem dúvidas, perguntas, hipóteses e esclarecimentos, há um momento em que se dá uma convergência, quer dizer, que se chega a uma conclusão. Além disso, pude comprovar que o ponto de certeza não é o mesmo para todos. Pode não ser o mesmo. Na elaboração, todavia, há um acordo. O ponto íntimo é isto: há um ponto que me confirma todos os outros e que faz parte da elaboração do particular. Há uma construção em convergência que dá provas de que a psicanálise existe. Podemos verificar que os efeitos da psicanálise são verdadeiros, e isso pode ser comprovado tanto nos passantes e nos passadores quanto nos membros do cartel que se encontram tomados pela surpresa, pelo não-sabido, pelo que querem voltar a perguntar. Quando retornam a suas casas, aquilo que pensavam já sabido e lido tantas vezes retorna-lhes despertando uma nova interrogação ou, até mesmo, uma nova certeza.

[...]

Colette Soler: Quero dizer algo sobre essa discussão. Parece haver uma tensão entre a privacidade necessária e a necessidade de transmissão. O interesse pelo passe não é individual. O interesse pelo passe não se restringe àquele que apresenta seu testemunho. Há um interesse maior pelo passe. Esse visa aos efeitos extensivos à Escola, especialmente os efeitos em relação à questão da didática. Isso, é claro, apenas se virmos a chamar de didática a análise que produz um analista. Na experiência do passe, não apenas em nossa Escola, mas bem antes de nossa Escola, vimos comprovando que "não há nada que esperar dos testemunhos sobre os testemunhos". Isso quer dizer que os testemunhos, sejam eles dos AEs, sejam dos cartéis, só podem ser escutados porque não são os que servem para fazer avançar a didática. Parece-me que, agora, já sabemos que não é por aí que aproveitaremos a experiência. Tampouco progrediremos a partir de uma espécie de psicologia de decisão do cartel.

Podemos, contudo, considerar outros efeitos no âmbito institucional. Desde o princípio de nossa experiência, há uma questão fundamental: o "juízo íntimo" – gosto dessa expressão de Lacan. Cada um produz no cartel com base no testemunho que se constitui em um conjunto de juízos íntimos. É importante observar que não se pode prestar conta dos juízos íntimos. Um juízo íntimo é como o ato. Não se pode prestar conta do ato. E o ato é correlato a um efeito de um juízo íntimo. Bem, como estamos no momento de concluir, vamos nos valer da função da pressa.

Jorge Zanghellini: Minha pergunta se insere na curiosidade manifestada por Antonio Quinet e é específica, porque nós dois participamos de um mesmo cartel do passe. Ela se refere ao que não se sabe dos testemunhos sobre o testemunho. Quando se escuta um testemunho, escuta-se com o ouvido de uma história clínica, mas como se pode escutar um passante que fala de uma análise que está em relação com o nome, com seu nome próprio?

Didier Castanet: Serei breve porque farei apenas uma observação. Estou muito tocado por esse cartel do passe porque, daqui a três semanas, falaremos em Toulouse sobre a experiência de três anos do passe em nossa Escola. Estou muito tocado pela fala de Dominique sobra o entusiasmo sem beatitude presente neste trabalho. Também me parece muito importante o que se falou sobre a confiança nesse dispositivo. A meu ver, tudo isso nos dá uma idéia do que funciona agora em nossa Escola.

Fernando Grossi: Temos de distinguir o que diz respeito ao título de AE e ao título de AME. Primeiro, é preciso distinguir uma

nomeação de AE de uma nomeação de AME. Utilizamos o mesmo termo: nomeação. Na Sessão de encerramento das Jornadas dos Cartéis, Lacan diz que, "para nomear um AME, trata-se de um fantasma coletivo e de confiança". "Não é isso que anima a decisão do cartel" para nomear ou não alguém. Sim ou não? Como entender essa distinção na nomeação? A segunda pergunta diz respeito à conclusão referida ao tempo lógico, em que os cinco prisioneiros saem juntos. A conclusão sempre é dos cinco, é consenso, é sempre convergente, ou é possível que o julgamento não seja tão uniforme?

Ana Laura Prates: Sempre compreendi o passe como um dispositivo, a um só tempo, clínico e epistêmico. A escuta dessa mesa confirmou essa impressão para mim. Gostaria de ouvir um comentário de vocês a respeito do que o passe ensina sobre o lugar do saber na psicanálise.

Participante: De forma geral, gostaria de saber se o trabalho transnacional de vocês quer se constituir em um protótipo, um modelo, para outras instituições em termos de cartel, do passe etc. Outro ponto: no caso de um passante não ser nomeado, há no dispositivo um tempo de carência para que busque novamente isso?

Jean-Jacques Gorog: As nomeações de AME e de AE não são iguais. Enquanto uma nomeação é do tipo institucional, a outra é mais individual. Há diferenças. Não desenvolverei a diferença, mas o fato de ambas se denominarem "nomeação" não quer dizer que sejam a mesma coisa.

Sol Aparício: Não creio que se possa falar, no marco do dispositivo do passe, de caso clínico. Diria, brevemente, que se trata de transmitir um dizer de um sujeito do inconsciente. É isso o que transmitem os passadores. A propósito da pergunta sobre o saber, diria que, no dispositivo do passe, o passante tem a vocação de pôr a prova, graças à transmissão, o que se crê que se sabe. Ele tem a ocasião de elaborar, em termos de saber, isso que diz a verdade do sujeito. No cartel do passe, há efetivamente um trabalho para elaborar um saber à luz do que foi recolhido do passante pelo passador. Há também um outro trabalho que cabe ao cartel e que se refere à Escola, em nível coletivo. Que conseqüências e que saber sobre a teoria e sobre o ato se pode extrair do acúmulo dessa experiência para acrescentar à didática?

Dominique Fingermann: Estamos em um primeiro tempo da experiência do passe, mas concordo com Colette Soler de que já podemos

dizer que o efeito de transmissão deve sair dessa instância em um primeiro tempo. Frisamos que, já nesse primeiro tempo, há um efeito de transmissão em nossa comunidade de Escola, pois cinco, mais dois, mais um analista, em seis países diferentes, em várias línguas, já tem um efeito de transmissão. Esperemos um pouco mais, embora já tenhamos escutado bastante nesse primeiro tempo.

COLETTE SOLER: Concluamos. Este não é o fim das discussões, mas justo o princípio, o princípio da Escola, o princípio das elaborações. Os franceses continuarão essa discussão em dezembro próximo, em Toulouse, e ela prosseguirá em julho de 2006, no Encontro Internacional da IF-EPFCL em Paris, quando teremos nova oportunidade de falar sobre o passe.

TRANSCRIÇÃO
Ana Rosa Mauro de Melo
REVISÃO
Eliane Z. Schermann e Clarice Gatto

referências bibliográficas

ESCOLA FREUDIANA DE PARIS. *Annuaire.* Paris, 1977.

ESCOLA DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO LACANIANO. *Princípios diretivos para uma Escola* (versão modificada). Rio de Janeiro, 2006.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 17: O avesso da psicanálise* (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LACAN, Jacques. (1945). Le temps logique et l'assertion de certitude anticipée. In: *Écrits.* Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982.

LACAN, Jacques. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LACAN, Jacques. (1973). Televisão. In: *Outros escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LACAN, Jacques. (1977). Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11.* In: *Outros escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LACAN, Jacques. (1982). Nota italiana. In: *Outros escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

resumo

Debate ocorrido em 13 de novembro de 2005 acerca do primeiro cartel do passe da EPFCL ocorrido na América. A discussão teve como ponto de partida o texto *Historizar-se de si mesmo*, apresentado por Patrícia Muñoz (AE).

palavras-chave

cartel do passe, Escola, passe

abstract

The debate happened in November 13th, 2005 around the first EPFCL's cartel pass in America. The discussion's starting point was the text *Self-History making (Historizar-se de si mesmo)*, presented by Patrícia Muñoz (AE).

key words

cartel pass, School, pass

recebido

07/04/2005

aprovado

05/05/2005